

PRÉ-HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA BRASILEIRA: A CHEGADA DO MAGNETISMO ANIMAL NO BRASIL, 1823-1887

PRE-HISTORY OF PSYCHOTHERAPY IN BRAZIL: THE ANIMAL MAGNETISM IN BRAZIL, 1823-1887

Resumo

A introdução do magnetismo animal como prática médica reivindicada por Leopoldo Gamard em 1832, foi frustrada pelo membro titular da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Augusto Renato Cuissart, seguindo a mesma lógica acusatória que Mesmer sofrera em Paris. Apesar dessa rejeição, a Sociedade de Medicina – hoje Academia Nacional de Medicina – não conseguiu frear a entrada desse controverso método no Brasil, e a prática do magnetismo foi efetivamente usada entre nós até a chegada da grande novidade da terapia sugestiva ou hipnotismo.

Palavras chaves: magnetismo animal, psicoterapia, história da psicoterapia no Brasil.

Summary

The introduction of animal magnetism as claimed by Leopoldo Gamard in 1832, was frustrated by the member of the Society of Medicine of Rio de Janeiro, Renato Augusto Cuissart, following the same logic that accusatory Mesmer suffered in Paris. Despite this rejection, the Society of Medicine - National Academy of Medicine today - failed to curb the entry of this controversial method in Brazil, and the practice of magnetism between us was actually used until the arrival of the big news of the suggestive therapy or hypnotism.

Keywords: animal magnetism, psychotherapy, history of psychotherapy in Brazil.

A chegada da família real ao Rio de Janeiro trouxe muito progresso à colônia, agora sede imperial da Coroa Portuguesa. Tivemos a criação de duas Escolas de Medicina e Cirurgia (uma no Rio de Janeiro e outra em Salvador), Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, Academia de Belas Artes, Jardim Botânico, Biblioteca Real, Imprensa Régia, Museu Nacional, Escola de Artes, Observatório Astronômico, Banco do Brasil, Casa da Moeda, Teatro Real, Junta do Comércio, Casa

de Suplicação (Supremo Tribunal), além da Abertura dos Portos, ministérios, academias militares, criação de fábricas e indústrias, e o primeiro jornal de ampla circulação, A Gazeta. As sequelas culturais da transferência da corte portuguesa para o Brasil foram muitas, colocando a elite nativa em contato com as novidades européias. Na medicina, essa abertura cultural proporcionou a atualização médica e a introdução de algumas novidades, e o magnetismo animal era uma delas.

O magnetismo animal

O magnetismo animal foi um método de tratamento psíquico por via sugestiva instituído por Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico e físico suábio radicado em Viena que divulgou uma terapia supostamente baseada na suposta transferência de uma abstrusa radiação nervosa entre terapeuta e paciente. Ele substituiu a terapia da aplicação de ímãs sobre as partes doentes do corpo, em voga na Europa, pela sua própria pessoa supondo que dele - assim como nas pessoas saudáveis - emanava um princípio fluídico cujos efeitos era semelhante aos dos ímãs de ferro. Para diferenciar o seu magnetismo do *magnetismo mineral*, denominou-o de *magnetismo animal*, ou seja, de origem animal¹. O nome *mesmerismo* tornou-se sinônimo dessa terapia em homenagem ao seu descobridor. Décadas depois ficou patente que o “fluido” que operava essa terapia era um mecanismo simbólico de sugestão, primeiramente evidenciado pelo abade José Custódio de Faria, o abade Faria, um padre originário de Gôa, Índia Portuguesa, radicado em Paris no começo do século XX. Faria, retratado no famoso prisioneiro homônimo do Castelo de If, no livro *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, seu amigo, mostrou que o misterioso fluido mesmérico era um meio de manipular a imaginação dos doentes².

Em 1784, Mesmer foi considerado charlatão por uma comissão nomeada pelo Rei de França e por outra nomeada pela Faculdade de Medicina de Paris. Ambas observaram que o magnetismo



animal era uma forma de atuar sobre a imaginação dos doentes, ao que o médico Charles D'Eslon, discípulo de Mesmer e médico pessoal do Conde d'Artois, perguntou se isso não era uma forma válida de terapia.

O magnetismo animal de Mesmer, o mesmerismo propriamente dito, consistia em provocar no indivíduo uma crise, que nada mais era que um transe agitado pseudoconvulsivo, com ab-reação vegetativa (sudorese, vômitos, bocejos, etc.). Mesmer supunha que essas crises induzidas eram um fenômeno de desobstrução nervosa que permitiam, assim, o livre curso do “fluido magnético”^{1,3}, agente da vitalidade. Ele se opunha ao tipo de magnetismo “bem comportado” que o Marquês de Puységur⁴ desenvolveria mais tarde, uma espécie de sonambulismo em que os pacientes, falavam, profetizavam, diagnosticavam doenças e indicavam tratamento sob o magnetismo do bondoso marquês. Esta forma de magnetismo, que ficaria conhecida como sonambulismo lúcido, foi absorvida pelo incipiente espiritismo, que começava a fazer sucesso na Europa e EUA, sob o nome de *mediunidade de cura*, incluindo também em seus rituais os passes mesméricos reconfigurados por Deleuze, erudito seguidor de Puységur⁵. Enquanto mesmeristas e puyseguristas debatiam entre si, Petétin, um médico que fizera experimentações independentes com o magnetismo animal, descobrira o transe sonambúlico e reivindicava essa nova descoberta para si⁶.

Foi desse movimento que mais tarde surgiria o hipnotismo e a terapia sugestiva⁷, e depois a psicanálise⁸. O magnetismo animal é a origem da medicina psicológica da qual somos herdeiros⁹. Pierre Janet considerava o magnetismo animal como o precursor por direito da medicina psicológica, e não as “curas milagrosas” das religiões, pois “milagre é um certo fenômeno que o homem deseja ardentemente mas não conhece as condições determinantes para o reproduzir com regularidade e certeza”¹⁰. O magnetismo animal teve o mérito de romper com as superstições da magia, do curandeirismo, dos exorcismos interpretando-as como fenômenos fisiológicos naturais, abrindo caminho para o desenvolvimento da psicologia do inconsciente¹¹. Albert Moll¹² reconheceu o mérito de Mesmer para a medicina e fez sua apologia:

“Não desejo juntar-me ao grupo de detratores profissionais de Mesmer. Ele está morto, e não pode se defender daqueles que disparam sobre ele... Contra a opinião geral que ele era avarento, esclareço que em Viena, bem como mais tarde em Meersburg e Paris, ele sempre ajudava aos pobres sem pedir nenhuma recompensa. Creio que ele enganou-se nos seus ensinamentos, e acho justo que se ataque apenas isto,

e não o seu caráter pessoal. Mesmer foi muito detratado em vida e estes ataques continuaram até o presente. Vamos considerar, entretanto, cuidadosamente em que consistia o seu alegado “crime”. Ele acreditava, no início, que podia curar por meio de imãs, e mais tarde que podia fazer o mesmo por meio de uma força latente pessoal que podia ser transferida para os baquets. Esta foi evidentemente uma crença firme, da qual ele nunca fez segredo. Outros achavam que era tudo efeito da imaginação do doente, ou que Mesmer produzia seus efeitos por alguma arte oculta. Então, etapa por etapa, criou-se a lenda que Mesmer possuía algum segredo por meio do qual ele era capaz de produzir efeitos sobre as pessoas, tais como a cura de doenças, mas que não revelava este segredo. Na realidade... (Mesmer) acreditava e sempre insistia que ele emanava uma força pessoal (magnética). Finalmente, se ele usou esta suposta força para ganhar dinheiro, não foi neste particular diferente dos atuais médicos e donos de instituições médicas, que também não seguem o alegado amor ao próximo, mas procuram ganhar a vida com o próximo, o que é justo. Mesmer não procedia pior do que os que hoje descobrem uma nova droga, e a produz industrialmente como meio de enriquecimento pessoal. Sejamos justos e deixemos de detratar Mesmer, que apenas agiu como as pessoas acima mencionadas. Aqueles que difamam Mesmer deveriam conhecer algo dos seus ensinamentos, e ter alguma familiaridade com seus trabalhos...”¹².

O magnetismo animal no Brasil

Muito do que sabemos sobre os primórdios do mesmerismo no Brasil devemos a Francisco Fajardo¹³. A primeira referência brasileira sobre o magnetismo animal é o livro do médico pernambucano João Lopes Cardoso Machado onde ele fala pela primeira vez do magnetismo animal sob o nome de “catalepsia espontânea” (*Dicionário Médico-Prático – Para Uso dos que Tratam da Saúde pública, Onde Não Há Professores de Medicina*, 1823). Em 1832, o médico Leopoldo Gamard apresentou uma tese sobre o magnetismo animal à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (fundada em 1829, mais tarde renomeada como Academia Imperial de Medicina, e depois Academia Brasileira de Medicina). Essa foi a primeira tentativa de formalizar o uso desta controversa terapia dentro da medicina brasileira, contudo, Augusto Renato Cuissart, eminente membro da Academia, fez rejeitar mediante erudito julgamento a

tese de Gamard alegando-a uma “audácia de charlatães”¹⁴.

Após essa humilhante rejeição, não mais se ouviu falar em Gamard, que passaria a exercer o mesmerismo discretamente, e assim tivemos aqui no Brasil um autêntico seguidor de Mesmer e Puységur. Nada mais se ouviu falar ou se escreveu sobre Gamard, e também não encontramos nenhuma obra do mesmo, nem mesmo sua tese, exceto o longo e erudito parecer de seu algoz acadêmico.

Não se falou mais no magnetismo animal na academia por cerca de duas décadas, até que o interesse sobre o assunto retornou através de livros publicados no exterior, especialmente na França. Um destes, *“Prática Elementar do Magnetismo”*, do famoso magnetizador francês Barão Du Potet, foi aqui traduzido e publicado pelo médico Guilherme Henrique Briggs, em 1853. Em 1861, foi fundada no Rio de Janeiro a Sociedade Propaganda do Magnetismo e o Júri Magnético do Rio de Janeiro, ambas dedicadas à pesquisa e tratamento através do magnetismo animal. Estas entidades foram autorizadas a funcionarem desde que as práticas curativas fossem conduzidas exclusivamente por médicos. Neste mesmo ano, Joaquim dos Remédios Monteiro apresentou a memória “Magnetismo – História” à Academia Imperial de Medicina.

Nos anos de 1875 e 1876 o médico Gonzaga Filho escreveu uma série de artigos sobre o magnetismo animal na seção de ciências do Diário do Rio de Janeiro, obtendo grande repercussão na Corte. Nessa mesma época (1876), o também médico Melo Moraes publicou o trabalho *“Memória Sobre o Fluido Universal ou Éter”*, onde, entre outras coisas, prefigura a ideia de bioeletrogênese, e Dias da Cruz, então catedrático de Patologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Ferreira de Abreu, Gama Lobo, e Gonzaga Filho, pesquisaram o magnetismo animal e o seu potencial terapêutico. Percebe-se, portanto, uma grande atividade e interesse na terapia mesmérica, numa época em que a Europa já abandonara o magnetismo animal e adotava sua versão científica, o hipnotismo de James Braid, ainda não conhecido no Brasil.

Entre 1880 e 1887, um grande número de médicos introduziu a terapia pelo magnetismo animal em suas clínicas, entusiasmados pelos relatos dos colegas. Destacam-se entre estes Calvert, médico da Corte do Rio de Janeiro, Lucindo Filho, em Vassouras, Moraes Jardim, em Barbacena, Sá Leite, em Poços de Caldas, Affonso Alves, na Bahia, e outros. Nesse ínterim, em 1884, Nunes Garcia apresentou seu trabalho *“Memória Sobre o Magnetismo Animal”* na exposição que ele inaugurou na Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O hipnotismo médico, então declarado como psicoterapia sugestiva, foi finalmente introduzido na prática médica brasileira pelo eminente médico carioca Érico Coelho, que apresentou um

caso de cura de beribéri pela hipnoterapia sugestiva à Academia Imperial de Medicina. O caso, diagnosticado como tal, provavelmente teria sido uma histeria conversiva, o que explicaria o sucesso de Coelho. A importância histórica desse evento foi que, pela primeira vez a psicoterapia foi apresentada e introduzida na medicina brasileira em bases empíricas, marcando, segundo Francisco Fajardo¹⁰, o ato inaugural deste método terapêutico. A palavra hipnotismo foi usada pela primeira vez, assim como a palavra psicoterapia, e sua prática foi aprovada pela Academia como ato médico legítimo¹⁵.

Gamard e Cuissart

Leopoldo Gamard apresentou sua memória sobre o magnetismo animal à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro – hoje Academia Nacional de Medicina – em 15 de maio de 1832. Ele não era membro da academia, e para avaliar sua dissertação foi designado o membro titular Augusto Renato Cuissart, que apresentou seu parecer na 18ª sessão da Sociedade, ocorrida em 6 de outubro de 1832, presidida por Francisco Freire Alemão. Nada sabemos sobre o material apresentado por Gamard, mas a íntegra do parecer de Cuissart foi publicado no *Semanário da Sociedade*¹⁴ e também reproduzido por Antonio Rezende de Castro Monteiro¹⁶, autor definitivo da história do hipnotismo no Brasil¹⁷.

“A medicina é ciência quimérica e o magnetismo animal é a pedra angular da terapêutica”, foram essas as únicas palavras de Gamard citadas no relatório de Cuissart. Essa frase nos sugere que Gamard estava a par de como o mesmerismo era considerado pelos seus seguidores franceses, e talvez tenha se instruído na França sobre essa matéria. De fato, Mesmer proclamara que a medicina era um monopólio em que a doença era um constructo criado para garantir uma profissão que vivia do diagnóstico e tratamento da doença. O magnetismo animal não era apenas um método, ele foi uma radical oposição à profissão médica e por isso ele foi proclamado pelos revolucionários franceses como a medicina oficial da Revolução¹⁸. Compreende-se agora porque Mesmer foi tão perseguido pelos médicos e pela casa real, pois sua relação com os ideólogos revolucionários era vista como temerária para a profissão médica.

O relatório de Cuissart é uma peça de erudição que mostra um profundo conhecimento do assunto. Ele fez uma extensa revisão do magnetismo animal, dividindo-o em três partes: a primeira relativa aos primórdios; a segunda relativa a Mesmer, que ele considerava um plagiador; e a terceira o magnetismo de Puységur e Deleuze. Essa minuciosa revisão tinha por propósito mostrar



passo a passo o equívoco do magnetismo animal e os perigos de sua prática para a saúde e para a moral pública. Cuissart repetiu a conclusão que as comissões francesas chegaram contra Mesmer, bem como a do comissário da polícia francesa, e concluiu pela rejeição da tese de Gamard, portanto, negando o magnetismo animal como ato médico, nessas palavras:

“...o magnetismo animal origina novos perigos a moral publica e para a segurança das famílias. Não se pode negar que o magnetismo não exerça grande influência moral sobre o sonâmbulo. A vontade acha-se para assim dizer adormecida, e não eh apta para resistir as ordens de quem magnetizou. Não se poderão então conhecer o segredo das famílias, e penetrar nos seus interiores mais sagrados e delicados. D'estas relações tão intimas, d'estas impressões estranhas a par de agradáveis surge uma devoção completa e absoluta para o magnetizador. Facilmente vos imaginaes o que deve acontecer quando a doente eh moça e o magnetizador homem prendado.

Não se pode objectar que todos esses perigos vão desaparecer huma vez que os médicos pratiquem pessoalmente o magnetismo. Senhores, isto eh argumentar do impossível. A sciencia que cada dia estudamos não eh sciencia oculta e ninguem nesse recinto se quererá transformar em pelotiqueiro de praças. Eu concludo vetando na rejeição da memória de M. Gamard.”¹⁴

Percebe-se a preocupação com a excessiva intimidade entre paciente e terapeuta, a sedução da transferência. Apesar de ter censurado o desejo de Gamard e tentar eliminar o magnetismo animal em seu nascedouro, Cuissart não conseguiu seu intento. O recalcado retornaria entre os médicos adeptos da “cura pelo espírito”, e em um movimento místico popular que se fortalecia no Brasil: o espiritismo kardecista, que viria incorporar os transes mediúnicos e os passes deleuzianos entre as suas práticas espirituais. Algumas décadas mais tarde, uma grande novidade, a psicanálise, assentaria as bases da medicina psicológica no país.

Correspondência:
Fernando Portela Câmara
Professor Associado, UFRJ
Coordenador, Depto Informática da ABP
fpcamara@gmail.com

Declaração de conflito de interesse: não há.
Financiamento: não houve.

Referências

1. Patee, F. A. *Mesmer and Animal Magnetism*. Nova York: Edmonston Pub, 1994.
2. Egas Moniz. *O Abade Faria na história do hipnotismo*, Lisboa: Ed. Veja, 1977.
3. Mesmer, F.A. *Le Maqnétisme Animal* (Obras de Mesmer reunidas por M. Amadou, com comentários de F.A. Pattie e S. Vinchim) Ed. Payot, Paris, 1971.
4. Chastenet, A.M.J. (Marques de Puységur). *Memoires pour Servir à l'Histoire et à l'Établissement au Magnétisme Animal*, Paris, 1784.
5. Deleuze, J.P.F. *Histoire Critique du Magnétisme Animal*, Chez Belin-Leprieur, 2a Edition, 1819.
6. Petètin, J.H.D. *Memoire sur la Découverte des Phenomènes que Presentent la Catalépsie et le Sonambulisme*, Paris, 1787.
7. Bernheim, H.M. *De La Suggestion et ses Applications en Thérapeutique*. Albin Michel Ed., Paris, 1888.
8. Breuer, J. & Freud, S. *On the Psychological Mechanism of Hysterical Phenomena: Preliminary Communicxation* (1893). In: *Studies On Hysteria*, The Pelican Freud Lib., New York: Penguin Books, 1974; 3: 53-63
9. Crabtree, A. *From Mesmer to Freud: Magnetic Sleep and the Roots of Psychological Healing*. Yale Univ. Press, New Haven, 1993.
10. Janet, P. *La Medicine Psychologique*. Flammarion, Paris, 1923.
11. Ellenberger, Henri F. *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York: Basic Books, 1970, cap. 2.
12. Moll, A. *Hypnotism*. New York: The Walter Scott Pub., 1902, pp. 8-9.
13. Fajardo, F. *Tratado de Hypnotismo*. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1896.
14. Cuissart, AR. *Parecer critico sobre a memória de M. Gamard sobre o magnetismo animal*, *Semanário de Saúde Pública da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro*, 1832; 126: 441-8.
15. Câmara, FP. *Introdução da psicoterapia na medicina brasileira: 1887-1889*, *Rev. Debates Psiquiatria*, 2012.
16. Monteiro, ARC. *A propósito do relatório de Cuisart sobre a memória de Gamard*, *Rev. Bras. de Hipnologia*, 1980; 1: 47-55.
17. Monteiro, ARC. *A história da hipnose no Brasil*, *Rev. Bras. de Hipnologia*, 1984; 5: 4-22.
18. Darnton, R. *O Lado Oculto da Revolução. Mesmer e o Final do Mesmerismo na França*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1988 (trad.).